

humanitas

Vol. XLVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



Em suma, se a proposta metodológica em análise não nos seduz nem nos convence pelas razões já expostas (a que juntamos a preferência por textos de natureza coloquial, numa iniciação) não significa que a forma material que ela reveste não contenha virtualidades: relevem-se algumas visões de conjunto, quer do ponto de vista cultural e literário quer linguístico, e algumas simplificações gramaticais possíveis (assim a apresentação conjunta das desinências temáticas e aтемáticas – *Introducción*, pp. 128-129), sugestivas de novas experiências no campo didáctico.

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO

DONATO GAGLIARDI, *Petronio e il romanzo moderno. La fortuna del Satyricon attraverso i secoli*, (La Nuova Italia, Firenze, 1993), 218 p.

Este livro aparece no seguimento de vários outros trabalhos que Gagliardi tem dedicado ao *Satyricon*. Trata-se de um dado importante, pois nota-se que o autor está bem informado e consciente das implicações dos problemas que aborda. O objectivo principal do livro consiste em fazer um estudo comparativo da influência de Petrónio e do *Satyricon* ao longo de várias épocas, abrangendo um lapso temporal que se estende da Idade Média até à narrativa contemporânea, e um leque muito variado de obras e de personalidades. É um estudo profundo e recomendável, na medida em que mostra a vitalidade de um clássico e as diferentes apreciações que foi despertando ao longo dos séculos.

Seguindo um método que nos parece vantajoso, Gagliardi começa por alertar o leitor — de forma geralmente clara e eficaz — para os principais problemas que o próprio *Satyricon* levanta: personalidade de Petrónio, sentido do romance, influxos literários de outras obras, novas técnicas narrativas nele desenvolvidas. Num ponto, contudo, não concordamos com Gagliardi. Ao falar do título do *Satyricon*, reconhece a ligação com a sátira e a presença no romance de elementos tipicamente satíricos, como o tema dos *heredipetae-captatores*. No entanto, conclui (p. 12): «Eppure il *Satyricon* resta molto lontano da questo mondo, per l'assenza di qualsiasi proposito di predicazione morale, di *indignatio*, d'ogni ambizione di fornire strumenti di giudizio o soltanto una qualche ideologia positiva.» Parece-nos que este juízo é resultante de uma visão preconceituosa e, de certa forma, fragmentária e leve do romance.

A questão da moralidade do *Satyricon* remonta, fundamentalmente, a um artigo justamente célebre de Gilbert Highet (“Petronius the moralist”, *TAPhA* 72, 1941, 176-194), que colocava a hipótese do epicurismo de Petrónio e assinalava o facto de a existência atribulada das personagens do romance ir contra o ideal de *ἀταραξία*. Autores que também deram importantes contributos para a questão da seriedade do *Satyricon* foram Helen Bacon, William Arrowsmith, William R. Nethercut e, mais recentemente, a escola de Paolo Fedeli.

A posição contrária, dentro da qual Gagliardi se situa, deriva essencialmente de John P. Sullivan (e.g. *Critical essays on Roman literature — Satire*, London, 1963, 73-92), defensor da ideia de que o *Satyricon* se trata de uma obra literária

sofisticada e não de um panfleto filosófico e, sobretudo, que Petrónio é um artista que teve em mira divertir com o que escreveu, sem dotar as suas criações da profundidade ética necessária à moralização. Neste sentido se pronunciaram também Gareth Schmeling e P.G. Walsh, que dedicou expressamente um artigo a esta questão (“Was Petronius a moralist?”, *G&R* 21, 1974, 181-190).

É um facto que o epicurismo de Petrónio tem limitações (convém não cair nos exageros de Oskar Raith), mas a posição ética necessária a uma sátira coerente também não precisa de assentar apenas nesse epicurismo. Cremos, ainda, que se tem cometido o erro de buscar esse suporte ético quase unicamente nas reflexões de Encólpio e em certos momentos — como na escola de retórica e na pinacoteca — em que o protagonista ou os seus interlocutores assumem um discurso abertamente moralizante. Considerados de forma isolada, tais passos prestam-se facilmente à confusão com *τρόποι* da oratória ou com a paródia de ideias de pensadores como Séneca. O que garante pertinência a essas tiradas moralizadoras é o facto de serem corroboradas pelo universo de interesses do romance. As críticas de Encólpio à educação e as de Eumolpo à decadência das artes, são confirmadas pela vida dos intelectuais: desarticulação da realidade, falsidade de sentimentos, subserviência relativamente à superstição e à opulência dos libertos. Acusam-se os professores, e a conduta de Agamémnon e de Eumolpo (enquanto *magister*) justifica a acusação. Agamémnon, por sua vez, defende-se, afirmando que os maiores culpados são os pais, que sacrificam a vocação dos filhos às suas ambições. Que dizer, portanto, de Equón e de Filomela? Mais ainda: não é consistente o reconhecimento algo amargo da decadência do *mos maiorum* nos seus antigos baluartes (anciãos, casta sacerdotal e aristocracia)? Não é sincera a desorientação do homem num mundo povoado de engano, ardis, guiado pela mão caprichosa da *Fortuna*, que outra saída não proporciona que não seja o reconhecimento da própria *ἀμηχανία*? No *Bellum Civile* (vv. 79-81), é mesmo um dos deuses mais poderosos a reconhecer que o arbítrio das coisas humanas e divinas se encontra nas mãos dessa divindade. Não é, por conseguinte, tão difícil como pretendem certos filólogos encontrar, no *Satyricon*, pontos de referência ética. O importante é considerar o romance na sua totalidade, evitando isolar os episódios, algo que poderá levar a uma compreensão deficiente.

DELFIN FERREIRA LEÃO

VICTOR JABOUILLE, *Périple de Hanão. Estudo e tradução*, (Inquérito, 1994), 111 pp.

Este texto insere-se na colecção dos *Clássicos Inquérito*, que tem dado a conhecer ao grande público obras importantes, muitas vezes em edição bilingue, como acontece com este tomo. Desta forma, pode também o estudioso da Antiguidade ter acesso ao original grego, a par com uma tradução de qualidade. O *Périple de Hanão* é uma curta narrativa de certa viagem realizada por um rei de Cartago, à volta da costa ocidental africana, possivelmente na primeira metade do séc. V a.C. O leitor não especializado perderia grande parte do valor desta narrativa, não fosse o cuidado que Jabouille colocou em dedicar mais de metade do livro a